

AVC 02
10 JUN 1988

“Bem-aventurados os pobres de espírito...”

JOÃO MELLÃO NETO

“Vale mais um atleta que pula 5 metros do que 5 atletas que pulam um.” (Axioma olímpico aplicável à Constituinte.)



As esquerdas brasileiras desde sempre avocam para si o monopólio do patriotismo, das boas intenções e da preocupação com o social. Seus adversários, por sua vez, só lhes reconhecem um único monopólio, que é o da utopia, do irrealismo e da fantasia. O fato é que Deus, que nunca foi adepto de reservas de mercado, jamais se propôs a revelar a sua verdade a um único grupo. Assim agindo, por inferência, reconheceu a todos o sagrado e inalienável direito à tolice.

Da mesma forma que o patriotismo, a utopia também não é privilégio exclusivo dos apóstolos de Marx. O pragmático Centrão, quem diria, está atropelando na reta final, ameaçando levar o troféu de campeão brasileiro de truco constitucional.

Que o deputado Gasparian proponha o tabelamento dos juros bancários é perfeitamente compreensível. Trata-se de uma atitude compatível com a sua visão do mundo. Mas, quando tal proposta obtém mais de 300 votos, em boa parte oriundos dos auto-proclamados guardiões do bom senso, é caso de se duvidar da seriedade do jogo constituinte. É difícil acreditar que parlamentares esclarecidos, em sua maioria com

experiência empresarial, desconhecem os mais elementares princípios de economia. O que os teria movido, então? Ambições inconfessáveis, tentações populistas, vinganças pessoais, qualquer que seja a causa ela está aquém da dignidade que se espera daqueles a quem outorgamos o nosso voto.

O que dizer então da proposta de estabilidade a todos os servidores públicos não concursados? Nem sequer é uma iniciativa das bancadas comprometidas com as “causas populares”. Passamos a vida toda abominando o estatismo, o déficit público, o empreguismo eleitoral, os trens da alegria e, de repente, sem mais nem menos, os nossos próprios representantes no Congresso nos apunham pelas costas, legitimando todos os abusos cometidos no passado. Pensando tão-somente no punhado de votos que poderão conquistar dos beneficiários dessa medida, preferem trair todo o resto da Nação. Traem as centenas de milhares de funcionários efetivos que, como idiotas, prestaram concurso público; traem todos os contribuintes que arcarão com os custos disso através de impostos; traem todos os trabalhadores que terão na explosão inflacionária a sua contrapartida na benesse concedida.

Outro iluminado do Centrão propõe a anistia de todas as dívidas bancárias contraídas durante os “bons tempos” do Plano Cruzado. Alega-se que o governo iludiu os pequenos empresários com as promessas de juros baratos e hoje tem a obrigação moral de reparar o seu erro. O argumento seria perfeito se a entidade chamada “governo” possuisse recursos pró-

prios independentes do resto da Nação. Ocorre que, infelizmente, o governo não é uma organização autônoma e auto-suficiente. Ele tão-somente repassa ao povo recursos que toma do próprio povo. Não pode dar a ninguém algo que, previamente, não tenha tirado de alguém. Pelo ressarcimento moral do governo pagaremos todos nós, tanto aqueles que contrataram dívidas como aqueles que não têm nada a ver com isso.

A cornucópia de benesses parece não ter limites. Caberá ao “governo” pagar pensões aos expedicionários que não lutaram, arcar com indenizações aos militares que não trabalharam, repassar aos estados e municípios os recursos que não possui. Vale tudo em nome do social, do moral e do eleitoral.

Não nos resta sequer o consolo de poder pôr a culpa na tradicional irresponsabilidade das esquerdas. Nossos próprios representantes as superaram de longe em populismo, demagogia, e in-conseqüência.

A leviana de, infelizmente, está acima das ideologias. Deus Todo-Poderoso assiste a tudo, impassível. Sua presença, nos trabalhos constituintes, não é voluntária. De acordo com o preâmbulo da Nova Carta, Ele não foi evocado, mas sim convocado, compulsoriamente, a participar do processo. Seu olhar é de complacência. Ele realmente ama os pobres de espírito. Senão não os teria feito em tão grande quantidade.

João Mellão Neto é secretário municipal da Administração e jornalista.